



Por um esperar que nos move ao agir

By a hope that moves us to act

Maria de Lourdes da Fonseca Freire Norberto ^[a]
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Beatriz Maria Gross ^[b]
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Lucíola Cruz Paiva Tisi ^[c]
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Rogério Guimarães de Almeida Cunha ^[d]
Alegre, ES, Brasil
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Como citar: NORBERTO, Maria de Lourdes da Fonseca Freire; GROSS, Beatriz Maria; TISI, Lucíola Cruz Paiva; CUNHA, Rogério Guimarães de Almeida. Por um esperar que nos move ao agir. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 02, p. 292-301, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.002.DS07>

Resumo

O artigo procura explorar a virtude da esperança cristã como força motriz para a ação em prol da justiça social, especialmente focada na opção preferencial pelos pobres, que são protagonistas e não mero destinatários da doutrina social da Igreja. Afirma que a esperança é tematizada a partir da nota ética presente na orientação escatológica da Teologia da Libertação. Essa esperança não é uma fuga da realidade, mas uma força encarnada, crítica e performativa, que une a memória do sofrimento (especialmente a Paixão de Cristo) à antecipação do futuro escatológico. Ela exige um agir ético e responsável, inspirado no Deus que toma partido pelos sofredores e convoca à construção de um mundo mais justo e humano. Com a metodologia de revisão bibliográfica, dialogando com diversos autores, como J.

^[a] Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e-mail: lourdesffn@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3736-8447>

^[b] Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e-mail: bia.gross@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6243-3966>

^[c] Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e-mail: lpaivatisi@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-6931-8629>

^[d] Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e-mail: rogeriogacunha@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3491-2134>

Moltmann e J. B. Metz, o artigo critica a aporofobia (aversão aos pobres) e relembra as bases da Teologia Latino-americana da Libertação, influenciada por Moltmann e Metz, como uma resposta profética às injustiças. Diante dos desafios globais contemporâneos – guerras, crise climática, migrações forçadas e extremismos – a teologia é chamada a ser um discurso servidor da esperança.

Palavras-chave: Esperança. Memória. Pobres. Ética. Teologia Latino-americana da Libertação.

Abstract

The article seeks to explore the virtue of Christian hope as a driving force for action in favor of social justice, especially focused on the preferential option for the poor, who are protagonists and not mere recipients of the Church's social doctrine. It states that hope is thematized from the ethical note present in the eschatological orientation of Liberation Theology. This hope is not an escape from reality, but an embodied, critical, and performative force, which unites the memory of suffering (especially the Passion of Christ) with the anticipation of the eschatological future. It demands ethical and responsible action, inspired by the God who takes the side of sufferers and calls for the construction of a more just and humane world. Using a literature review methodology, engaging various authors with texts by Moltmann and Metz, the article criticizes aporophobia (aversion to the poor) and revisits the foundations of Latin American Liberation Theology, influenced by Moltmann and Metz, as a prophetic response to injustices. In the face of contemporary global challenges – wars, climate crisis, forced migration, and extremisms – theology is called to be a discourse that serves hope.

Keywords: Hope. Memory. Poor. Ethics. Latin American Liberation Theology.

Introdução

A Igreja Católica está agora vivendo um novo momento em sua história com a eleição de Robert Francis Prevost como sucessor de Francisco. Ainda é cedo para se ter uma ideia mais clara de como será seu pontificado e de como ele se posicionará diante das sérias questões que tanto a Igreja como o mundo, hoje, enfrentam. No entanto, a escolha do nome Leão XIV, sua caminhada pessoal como sacerdote e bispo e mesmo sua postura inicial de abertura e intenção ao diálogo podem ser sinais de que seguirá a proposta de seu antecessor de uma Igreja em saída e sinodal, movida por uma esperança que inquieta os cristãos e os mobiliza para ação em prol de uma experiência de fé atrelada à justiça social, que busca e se compromete na luta comum para que todos tenham vida digna, especialmente os esquecidos nas periferias da sociedade.

A partir do recente evento eclesial da eleição do novo papa, o presente artigo retoma e atualiza o ponto fundamental do fazer teológico que é a opção preferencial pelos pobres, com a consequente imagem de Deus e a esperança que essa opção suscita e encarna. As pontes construídas pelo magistério de Francisco, e agora revisitadas pelo iniciado magistério de Leão XIV – que se inspira em Leão XIII que inaugurou a sistemática da Doutrina Social da Igreja com a *Rerum Novarum* –, trouxeram vigor ao fazer teológico, que tem como chão lugares até então silenciados, proibidos. A esperança é essa virtude que também move o fazer teológico, ao mesmo tempo em que é crítica da própria teologia e da realidade na qual esse saber quer ser luz. A teologia é um saber da esperança, cuja iluminação da fé interpela o agir a partir da profundidade do amor, da caridade. Uma teologia assim é capaz de dar as razões do ser Igreja nos passos de Jesus Cristo.

Dar voz aos pobres: ouvir a esperança

Logo em uma de suas primeiras manifestações, Leão XIV já deu sinais de que rumo pretende trilhar em seu pontificado, ao pedir que se dê voz aos pobres, pois eles não são apenas destinatários da doutrina social da Igreja, mas protagonistas que a reconhecem e a atualizam. Conforme também declarou dias depois de sua eleição, vê como fundamental “o encontro e a escuta dos pobres, tesouro da Igreja e da humanidade, portadores de pontos de vista descartados, mas indispensáveis para ver o mundo com os olhos de Deus” (Leão XIV, 2025a).

Uma igreja que hoje pretende se colocar no seguimento real de Jesus Cristo precisa sair de suas seguranças, abandonar seus privilégios e caminhar em direção aos que estão à margem da sociedade, se colocando ao seu lado e sendo instrumento de libertação. Sua motivação não deve ser somente ajudá-los, mas igualmente aprender com eles toda a riqueza adquirida a partir de suas experiências de luta, sobrevivência e amor à vida, mesmo em condições extremamente precárias.

Jesus Cristo, com sua vida pautada por um olhar inclusivo voltado para os esquecidos e fragilizados, mostrou que a Boa Nova do Reino que veio anunciar é não só um anúncio libertador que enche de alegria as vítimas de uma sociedade injusta, mas também uma proposta de colaboração na construção de um mundo novo e fraterno, onde não haja espaço para a prepotência, o egoísmo, a exploração e a miséria e onde os pobres e marginalizados ocupem o lugar que lhes pertence por direito como filhos iguais e amados por Deus. Jesus, que veio para que todos tivessem vida (Jo, 10,10), é inspirado pela lógica de Deus que exalta os pobres, os desfavorecidos e os débeis e se dirige a eles com uma proposta libertadora com um convite para que façam parte da sua família (Casarotti, 2019).

Há quem condene as próprias vítimas da sociedade pela situação de vulnerabilidade em que se encontram, mesmo sendo difícil aceitar que alguém deseje voluntariamente viver em condições de precariedade, falta de dignidade e humilhação social. Essa visão de mundo é consequência de um sentimento latente de aporofobia, uma forma de desprezo que se inicia no preconceito contra os menos favorecidos – que parecem não poder oferecer nada de bom à sociedade. Embora esta aversão a um determinado grupo possa levar em conta fatores como raça, etnia e expressão religiosa, ela se refere basicamente à condição de pobreza, deixando clara uma situação de privilégio diante de uma grave injustiça social. O pobre torna real o que muitos preferem não enxergar: o sofrimento, o lado sombrio da vida, a vulnerabilidade humana e sua consequente finitude. Parece ser mais fácil viver na alienação, rejeitando o

que preocupa e perturba. O cheiro do morador de rua que incomoda e afasta é o cheiro da dor, do sofrimento e da negligência, causado pela exclusão e pelo descarte social.

Essa situação de injustiça chama a atenção para a importância e atualidade do magistério dos pobres (Castillo, 1988, p. 81), construído a partir de inúmeros testemunhos e fortemente presente na Teologia Latino-americana da Libertação. A tematização da opção preferencial pelos pobres, tão definidora desta teologia, se faz presente naqueles e naquelas que, animados pela profecia de uma espiritualidade libertadora, dedicam suas vidas à causa do Reino e se unem à luta dos homens e mulheres pobres, em situação de exclusão e vulnerabilidade por respeito e dignidade. A experiência de Deus, embasada na esperança cristã de um mundo melhor para todos, a partir da opção pelos pobres é, antes de tudo, a experiência de uma esperança performativa (Kuzma, 2014, p. 20). É uma luta que convoca e compromete todos como cristãos.

O papa Francisco, por ocasião da Jornada Mundial dos Pobres, em 2019, reafirmou o compromisso da Igreja com os pobres como absolutamente necessário: “a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora é uma escolha prioritária que os discípulos de Cristo são chamados a abraçar para não trair a credibilidade da Igreja e dar uma esperança concreta a tantos indefesos” (Francisco, 2019, n. 7). Isso reforça o que ele já havia afirmado na Exortação *Evangelii Gaudium*, ao dizer que “para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG n. 198). Ela decorre de uma preferência divina que tem consequências e exigências na vida de todos os cristãos, chamados a assumirem e a terem as mesmas opções de Cristo Jesus (Fl 2,5).

O nascedouro da Teologia Latino-americana da Libertação foi um chão marcado pelo martírio, pelos diversos movimentos de libertação que encontraram eco na Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann e na Teologia Política de Johann Baptist Metz.

Jürgen Moltmann, em sua Teologia da Esperança, assim como em outras de suas obras, apresenta a escatologia em dimensões messiânicas, em que o futuro escatológico continua sendo futuro, mas é antecipado para o presente. O autor entende a ética do Reino de Deus como uma ética do seguimento e a ética do seguimento de Jesus como uma ética de antecipação do seu futuro. Neste sentido, a ética da esperança é uma ética messiânica e transformadora, na medida em que, através da ação no mundo, é possível se antecipar, em certa medida, à nova criação de todas as coisas que Deus prometeu e inaugurou em Cristo (Moltmann, 2012, p. 54-58).

Johann Baptist Metz, por sua vez, a partir de sua Teologia Política, entende a alteridade e a solidariedade, tão bem reveladas na vida de Jesus, como modelo e paradigma para o ser humano, pois apontam para um caminho de paz e felicidade a ser seguido no desenvolvimento do processo histórico. Essa reflexão foi desenvolvida pelo teólogo a partir de sua experiência com os miseráveis que encontrou nas ruas de Lima e São Paulo. De acordo com seu relato, ele via olhos sem sonhos, rostos sem lágrimas, infelicidade sem desejo e crianças entorpecidas pelo cheiro de cola, cujas mães adolescentes lhes haviam dado à luz nas calçadas e nos degraus da catedral (Metz, 2013, p.74).

Com o tempo, a Teologia Latino-americana da Libertação trilhou caminho próprio, contribuindo com toda a sistemática da teologia pela perspectiva da libertação – projeto duramente perseguido pela Congregação para a Doutrina da Fé, sob o cardeal Joseph Ratzinger (Beozzo, 2015). Este fazer teológico foi a voz profética contra as ditaduras militares na América Latina, de luta contra a opressão (Gross, 2018, p. 38), contra um sistema econômico excludente e irresponsável com a natureza, mostrou o rosto de Deus no rosto dos pobres, reorientou a fé cristã para o compromisso de descer da cruz os povos crucificados (Bombonato, 2007).

Nesse tempo conturbado que o mundo atravessa, chamado de “terceira guerra mundial ‘em pedaços’” (Francisco, 2022), abalado por grave crise climática, por retrocesso da comunidade internacional para a extrema-direita, pela celebração da misoginia, do machismo e da lgbtfobia, cabe ao fazer teológico se perguntar pela esperança e lançar luzes para o agir ético daí decorrentes. Como falar da esperança? De qual esperança? Para qual mundo? As políticas migratórias da Europa e dos Estados Unidos ferem de morte a dignidade humana e põem em risco o futuro mesmo dos seres humanos enquanto humanos. As guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza, as intermináveis guerras no continente africano, as agressões à casa comum (Francisco, 2015) são esse chão em que a esperança trilha. Está

presente no grito sufocado das vítimas da barbárie humana, que faz eco ao grito do crucificado que revela a nós o Amor que é Deus (Cunha, 2020, p. 59-76).

A questão das imigrações levanta essa questão através do mundo e questiona os cristãos frente ao drama desses homens e mulheres que são obrigados a abandonar sua pátria, família e cultura e se aventurar em uma viagem sem volta em busca de paz e vida digna (Norberto, 2018, p. 83-88). Migrantes e pessoas que buscam refúgio são pessoas que, na maioria das vezes, já viviam alguma situação de precariedade em seu próprio país e que, na nova realidade, não encontram acolhimento e a segurança que buscavam. Vivem no seu dia a dia o avesso da hospitalidade, que pode ser ainda mais agravado em épocas de crise. As políticas públicas e as instituições, não raro, os rechaçam e, quando isto não acontece, não se comprometem de maneira efetiva, falhando na promoção e defesa dos direitos humanos básicos que garantam acesso a uma vida digna, tais como saúde, alimentação, educação e alguma forma de lazer, principalmente no que se refere àqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade – como mulheres, crianças, doentes e mesmo grupos especialmente marginalizados por raça, cor e gênero. A filósofa Adela Cortina defende que toda a terra é dom de Deus e, por conseguinte, todo ser humano, criatura de Deus, tem direito a uma propriedade originária comum da terra. Segundo a filósofa, essa consciência pode ser tomada como fio condutor para uma mudança de postura da sociedade que se afirma como cristã. Isso é imprescindível para uma sociedade hospitaleira (Cortina, 2020, p. 191).

Não se pode também esquecer das pessoas que não puderam ou quiseram deixar seu lugar de origem e tentam sobreviver em meio a horrores indescritíveis de guerras, como ocorre na Ucrânia, em Gaza e na África, ou mesmo em lugares assolados pelo descaso dos governos pelas questões climáticas. Isto sem contar com inúmeras outras situações de desespero que atingem populações inteiras espalhadas pelo mundo, das quais nem sequer se tem notícia. Todos eles – seres humanos em profundo sofrimento, enquanto o mundo pouco ou nada faz para resgatá-los e libertá-los para a vida digna para a qual foram criados – são a opção preferencial de Jesus Cristo e devem também ser a da Igreja.

Olhando de modo integral toda a situação crítica em que vivemos, a Casa Comum que nos abriga e sustenta também sofre. “A criação clama por socorro. O descaso, a negligência e a ideia de possuir a natureza dominaram a razão humana ao ponto de ameaçar a sua própria existência” (Tisi, 2020, p. 17). O processo de globalização, que garante o bem-estar dos países ricos, submete o planeta a um estresse enorme, a cada dia mais difícil de ser suportado. Existe um limite sistêmico para exploração de seus recursos, muitos deles não renováveis, que não está sendo levado em consideração. A essa agressão, a Terra responde com eventos extremos que atingem todos, mas que faz dos pobres as maiores vítimas. Como os eventos extremos do clima tem seu agravamento em comportamentos irresponsáveis dos seres humanos, fica claro que a questão exige uma ética regeneradora da Terra que lhe devolva vitalidade e seja sinal de esperança para todos e todas e se ocupe dos que não tem como se defender (Boff, 2017).

Em Jesus, o Deus vivo e verdadeiro está ao lado de quem sofre. Deus não fica neutro nas situações de miséria em que se encontram milhões de pessoas. “O Deus vivo toma uma decisão que implica conflito: colocar-se do lado dos oprimidos em sua luta por vida. Em linguagem teológica, isto se conhece como opção preferencial pelos pobres” (Johnson, 2008, p. 103 – tradução nossa). Deus é parcial na questão do sofrimento em vista da libertação dos oprimidos e opressores, na luta contra a desumanização. Deus se coloca ao lado dos excluídos, frontalmente contra as estruturas de exclusão. E esta é uma verdade fundamental da Revelação.

Por um discurso servidor da esperança

A esperança cristã apresenta o futuro novo, ao qual o ser humano é chamado por Deus. De acordo com Cesar Kuzma, este futuro prometido é antecipado pela experiência fundante da fé no ressuscitado que nutre toda a esperança que é de onde parte hoje o discurso escatológico. O Cristo ressuscitado é, ele mesmo, a personificação das coisas últimas e aquele que dá sentido à história, a guarnecendo de conteúdo. Em Jesus Cristo, aquilo que é esperado para o futuro – e que a humanidade está destinada a viver e ser no encontro pleno com Deus no eterno – já lhe é

antecipado e se manifesta no presente da história (1Cor 15,17), no tempo, sendo algo sensível à fé e vivido em esperança (Kuzma, s/d).

A esperança cristã, apesar de encontrar sua plenitude em Deus, não é contrária às esperanças humanas. Ela ecoa como voz que vem do futuro, do fim da história, mas que ilumina e transforma essa mesma história. Ela não é neutra e compromete o ser humano, impondo escolhas e respostas enquanto lhe oferece ânimo e coragem para transpor seus próprios limites e seguranças e se comprometer com a vida, superando suas barreiras interiores e chegando a uma abertura real para o mundo que o cerca. Propõe sentidos, mas exige comportamentos e compromissos. Nela, o evento Cristo é transformado em esperança a se realizar no presente, com olhar no futuro definitivo do ser humano e do mundo (Piazza, 2004, p. 149).

Nesse sentido, o serviço teológico comprometido com essa esperança cristã é, hoje mais do que nunca, fundamental na missão de todo povo de Deus. Precisa, à luz da fé, se configurar num refletir os dados da Revelação e atualizar desses mesmos dados para uma eficaz inculturação da fé. Cabe à teologia inspirar a Igreja e ajudá-la a se perceber não como “voltada para si, mas para a realidade na qual deve ser sal, luz e fermento” (Miranda, 2013, p. 45).

Este serviço da esperança, que qualifica o discurso teológico em seu diálogo com as demais ciências, se depara hoje com o estabelecimento de uma cultura de insensibilidade com o sofrimento alheio, como bem demonstrou Johann Baptist Metz ao falar da cultura da amnésia, contra a qual ele propõe a cultura anamnética (METZ, 2007). A evocação da memória da Paixão, a partir da memória do sofrimento humano, é o chão da esperança que nos move com a força do ressuscitado, que não se acomoda à realidade presente, nem dela foge. Longe de propor uma resposta harmonizante, é antes uma inquietação que faz mover, denunciar e solidariamente construir pontes e relações humanizadoras, inclusivas.

Frente a essas experiências, muitos escolhem o caminho do desespero. Outros, fundamentados numa esperança sectária, criam mundos imaginários, estabelecem uma sociedade perfeita, uma igreja que se apresenta como fuga do mundo, que reza a um Deus alheio a tudo o que transcorre na vida das pessoas. Trata-se de um ídolo e de uma falsa esperança, dado que o cinismo de uma teologia alheia à vida humana é um pecado contra a esperança genuinamente cristã, pois, nas palavras de Jürgen Moltmann, “o crucificado tornou-se irmão dos desprezados, abandonados e oprimidos e, por isso, a fraternidade com seus ‘pequenos irmãos’ está obrigatoriamente ligada com a fraternidade e identificação com Cristo” (Moltmann, 2014, p. 44).

O fazer teológico a serviço da esperança busca apresentá-la como esperança encarnada, capaz de transformar e libertar o ser humano, além de despertar nele a sua criatividade para trabalhar em prol de uma mudança da realidade em vista da construção de um mundo melhor e mais humano. Ela coloca o ser humano diante de uma meta, visando o absoluto, sem perder o olhar crítico para realidade em que está inserido, não permitindo fuga da realidade ou apatia e despertando o desejo de colaborar na construção de um mundo melhor e mais justo (Comblin, 2009, p. 98). Esse olhar crítico permite que esse ser humano avalie as condições do momento, promovendo uma nova realidade que o liberte de amarras anteriores que limitam seu potencial e o impulsionando a novas possibilidades. De acordo com Jon Sobrino, “se a esperança rompe com a espera passiva do fruir do tempo, isso acontece apenas porque ela cria uma ruptura, ela destrói os limites e insere o indivíduo num horizonte aberto” (Sobrino, 1996, p. 352).

A esperança encarnada impele o agir ao seguimento de Jesus e convida homens e mulheres a serem obreiros da construção de um mundo melhor, mais justo, mais humano, fundado na liberdade e na resposta criativa do ser humano e na sua responsabilidade de seguir o caminho em direção ao futuro que já se faz presente, a partir de uma promessa geradora da esperança, esperança de amor, que anima e movimenta a construção da história tanto individual como coletiva (Piazza, 2004, p. 67).

O agir responsável que impulsiona uma teologia encarnada nas dores do mundo é uma nota ética da esperança e, como tal, aponta caminhos de compromisso com o futuro da humanidade, como resposta ao movimento imanente e transcendente do futuro de Deus já e ainda não presente neste mundo. A esperança demanda um pensar ético (Kuzma, 2018), de comprometimento com este mundo, ainda que tal promoção de ação transformadora não esgote o futuro escatológico, muito menos se identifique com qualquer ação humana política, econômica ou cultural.

No entanto, mesmo o futuro de Deus que vem requer um futuro da humanidade que caminha em sua direção, ou seja, requer uma construção responsável do futuro mesmo da humanidade. A escatologia é crítica da sociedade, da comunidade e do próprio fazer teológico.

A temática da ética vem ganhando cada vez mais espaço à medida que as relações humanas se tornam complexas, e a exigência categórica de um futuro humano se faz presente. Que mundo e que humanidade queremos entregar para as gerações vindouras? Hans Jonas dedicou uma excelente obra para essa questão urgente – *O princípio responsabilidade*. Nela, analisa a fundo a dimensão da responsabilidade, que lida em chaves escatológicas, apontando uma nota ética para a esperança. Também Ailton Krenak, em sua brilhante obra (que trata do) *Futuro Ancestral*, traz ao centro do debate a questão ecológica e a sabedoria dos povos originários como memória do futuro, e nos convida a refletir e perceber que somos parte de um todo maior e que o futuro não é algo que pertence ao futuro, mas que está em constante construção no presente, através das nossas escolhas e ações. Do ponto de vista do Magistério Eclesial, está a tão bem trabalhada questão da ecologia integral nas duas encíclicas ecológicas do papa Francisco. Todas são questões que interpelam a esperança. E é essa esperança interpelada, nascedoura do *pathos* divino, que categoricamente impõe um agir responsável, na dinâmica do Reino de Deus que é dom e tarefa. Como Francisco afirma no n. 49 da encíclica *Laudato Si'*, precisamos escutar o grito da terra que sofre com a degradação ambiental e o grito dos pobres que vivem oprimidos pela desigualdade e exclusão social e trazer o futuro de Deus para o presente da humanidade.

Como dom, o futuro de Deus é a irrupção do inesperado, da vida nova que brota da ressurreição de Jesus e da missão do Espírito Santo, dom do ressuscitado (Moltmann, 2011, p. 135). Este futuro irrompido é uma transformação, uma superabundância, pois não se identifica sem mais com uma mera restituição. Mas este novo, que é a vida no ressuscitado – que é o próprio ressuscitado –, também é juízo lançado às estruturas de morte. O ressuscitado é o “hoje da salvação” (Piazza, 2004, p. 90), pois nele se inicia a vida nova prometida, de modo irrevogável, como inabituação da Trindade no seio da criação. É convite ao ser humano e a toda a criação a tomar parte da comunhão divina, e se dá o juízo de Deus que destrói as cadeias da morte, que desmascara o mal. O ressuscitado é a palavra definitiva de Deus sobre o não do mal e da morte, como um sim pronunciado pelo fruto do seu amor criativo e libertador, a criação, o homem e a mulher.

Como tarefa, como compromisso, o futuro de Deus nos leva a tomar parte do juízo de Deus sobre as estruturas do mal e da morte para ser, no mundo, colaboradores da libertação, a lutar pela implementação desse futuro já, enquanto caminhamos na esperança de sua plena realização. A esperança performativa como solidariedade libertadora é um agir da esperança entre memória e futuro (Kuzma, 2014, p. 201-203). Memória dos sofrimentos na memória Pascal de Cristo e o futuro inaugurado nesse evento salvífico. É uma ruptura do círculo vicioso da insensibilidade frente ao sofrimento humano e de toda criação. No dizer de Johann Baptist Metz: “A memória cristã do sofrimento é, no seu conteúdo teológico, uma recordação antecipadora; ela contém a antecipação de um futuro determinado da humanidade, um futuro dos que sofrem e dos sem-esperança, dos oprimidos, dos prejudicados e dos inúteis desta terra” (1980, p. 137).

É memória antecipadora do futuro, pois o crucificado é o ressuscitado, e os aniquilados vivem na memória de Deus (Mendonza-Álvarez, 2020, p. 287-288). A ressurreição é a vitória de Deus sobre o sofrimento, sobre a morte, sobre as estruturas do mal que causaram a morte de Jesus. Sua morte na cruz foi o coroamento da opção de Deus pelos débeis, pelos vulneráveis em favor de sua libertação. A ressurreição é o sim definitivo de Deus ao projeto do Reino encarnado na pessoa e obra de Jesus Cristo, e um não definitivo às estruturas desumanizadoras.

O rosto de Deus revelado na vida, morte e ressurreição de Jesus é o daquele que toma partido pelos seres humanos, a partir dos abandonados e excluídos, para com eles libertar toda a criação. O Deus que se revela na esperança do crucificado é um Deus que se faz presente no sofrimento, que sofreu até onde foi possível sofrer (Piazza, 2004, p. 85). É um incondicional convite à conversão, não meramente a uma lei religiosa, mas a partir da direção de Deus. Dos pobres, dos sofredores, à libertação!

Conclusão

O mundo atual atravessa uma profunda crise que atinge todos os setores da vida em sociedade, comprometendo nefastamente a política, a economia, a cultura e os valores humanos. As guerras dizimam milhares de seres humanos diariamente e obrigam milhões a vagarem pelo planeta em busca de um lugar para sobreviver; destruindo perspectivas de vida, futuros e sonhos enquanto a fome e as doenças continuam matando e levando comunidades inteiras à indigência e à vida em condições sub-humanas. A cultura e a religião também passam, em grande escala, a defender interesses dos que detêm poder, deixando a maioria da população do planeta nas mãos desses com interesses inescrupulosos que as utilizam em benefício próprio. O próprio planeta, a Casa Comum de todos os seres vivos, é também vítima do desrespeito humano e a agressão à qual é submetido põe em risco a sobrevivência de todo ser vivo.

É neste contexto difícil e preocupante que Leão XIV foi eleito papa. Sua missão principal será mediar os graves conflitos que corroem a Igreja por dentro e a impedem de encontrar uma mensagem que seja acolhida por toda a comunidade católica e fazê-la encontrar e apresentar ao mundo um caminho de esperança que aponte para a construção de uma sociedade mais justa, pacífica, solidária e humana, nos moldes da proposta do Reino de Jesus Cristo.

O novo papa tem dado sinais de que seu pontificado encontrará eco em uma teologia voltada para a esperança, o que parece se confirmar na escolha do nome e em primeiros atos e palavras. Um forte indício desta intenção do pontífice pode estar já na bênção *Urbi et Orbi* de 8 de maio de 2025, a partir da qual já é possível antever o caminho que pretende seguir:

A paz esteja com todos vocês. [...] Eu também gostaria que esta saudação de paz entrasse em seus corações, alcançasse suas famílias e todos os povos da Terra. A paz esteja com vocês. [...] Portanto, sem medo, unidos de mãos dadas com Deus e uns com os outros, sigamos em frente! Somos discípulos de Cristo. Cristo vai à nossa frente. O mundo precisa da sua luz. A humanidade precisa d'Ele como ponte para poder ser alcançada por Deus e pelo seu amor. Ajudai-nos também vós e, depois, ajudai-vos uns aos outros a construir pontes, com o diálogo, o encontro, unindo-nos todos para sermos um só povo sempre em paz. Obrigado, papa Francisco. (Leão XIV, 2025b)

Que Leão XIV, iluminado pela teologia latino-americana que o inspirou nos anos em que passou entre as comunidades pobres do Peru, que fala de libertação, esperança, fraternidade, inclusão e compromisso social, seja um farol a iluminar a Igreja e o mundo e, com a bênção de Francisco, a convoque a ser Igreja em saída. Igreja que se movimenta incessantemente em busca de todos e todas, priorizando os pobres e os que estão esquecidos nas periferias e que também querem ocupar um espaço próprio e colaborar para construção do Reino pelo qual Jesus Cristo empenhou toda a sua vida.

Referências

- BEOZZO, J. O. O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas. *Cadernos de Teologia Pública IHU*, São Leopoldo, v. 12, n. 93, ano XII, 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>. Acesso em: 25 maio 2025.
- BOFF, Leonardo. *Ética e Espiritualidade: como cuidar da Casa Comum*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BOMBONATO, V. I. O compromisso de descer da cruz os pobres. In: VIGIL, J. M. (Org.). *Descer da cruz os pobres: cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 37-47.
- CASAROTTI, A. M. Felizes vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence. *IHU Online*, 15 fev 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/586651-felizes-de-voces-os-pobres-porque-o-reino-de-deus-lhes-pertence>. Acesso em: 27 maio 2025.
- CASTILLO, J. M. *Los pobres y la teología: ¿qué queda de la teología de la liberación?* Bilbao: Descleé de Brouwer, 1998.

COMBLIN, J. *A Liberdade Cristã*. São Paulo: Paulus, 2009.

CORTINA, A. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. São Paulo: Contracorrente, 2020.

CUNHA, R. G. de A. *A escatologia do amor: a esperança na compreensão trinitária de Deus em Jürgen Moltmann*. Petrópolis: Vozes, 2021.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 25 maio 2025.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos representantes pontifícios*. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220908-rappresentanti-pontifici.html>. Acesso em: 25 maio 2025.

FRANCISCO. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres*. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html. Acesso em: 26 maio 2025.

GROSS, B. M. *Um papa do fim do mundo, uma teologia do terceiro mundo e uma Igreja para todo o mundo*. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade de Teologia, Rio de Janeiro, 2018.

JOHNSON, E. *La búsqueda del Dios vivo: trazar las fronteras de la teología de Dios*. Milaño: Sal Terrae, 2008.

KUZMA, C. A. *O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica*. São Paulo: Paulinas, 2014.

KUZMA, C. A. Esperança Cristã (Escatologia). In: DE MORI, G. (Org.). *Enciclopédia Digital Theologica Latinoamericana* (s/d). Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=154>. Acesso em: 26 maio 2025.

KUZMA, C. A. Por uma esperança responsável: interpelações éticas e teológicas para uma Nova Práxis. *Pistis & Praxis*, v. 10, n. 2, p. 290-307, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.10.002.DS04>. Acesso em: 25 maio 2025.

LEÃO XIV. *Discurso do Papa Leão XIV aos membros da Fundação Centesimus annus pro Pontifice*. 2025a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/may/documents/20250517-centesimus-annus-pro-pontifice.html>. Acesso em: 25 maio 2025.

LEÃO XIV. *Primeira bênção Urbi et Orbi*. 2025b. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/urbi/documents/20250508-prima-benedizione-urbietorbi.html>. Acesso em: 28 maio 2025.

MENDONZA-ÁLVAREZ, C. *A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*. Petrópolis: Vozes, 2020.

METZ, J. B. *A fé em história e sociedade: estudos para uma teologia fundamental prática*. São Paulo: Paulinas, 1980.

METZ, J. B. *Memoria passionis: una evocación provocadora en una sociedad pluralista*. Milaño: Sal Terrae, 2007.

METZ, J. B. *Mística de olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.

MIRANDA, M. de F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

MOLTMANN, J. *Ética da esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOLTMANN, J. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2014.

MOLTMANN, J. *Trindade e reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

NORBERTO, M. L. F. F. *Uma teologia de fronteira: a missão da Companhia de Jesus junto aos migrantes e refugiados*. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade de Teologia, Rio de Janeiro, 2018.

PIAZZA, O. F. *A esperança: lógica do impossível*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TISI, L. C. P. *Esperança e responsabilidade com a nossa Casa Comum: cuidado da criação*. 2020. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade de Teologia, Rio de Janeiro, 2020.

RECEBIDO: 02/05/2025
APROVADO: 12/06/2025
PUBLICADO: 27/08/2025

RECEIVED: 05/02/2025
APPROVED: 06/12/2025
PUBLISHED: 08/27/2025

Editor responsável: Waldir Souza